

# REALIZAÇÕES PALATALIZADAS DE /t/ E DE /d/: SEGMENTOS DE CONTORNO OU SEGMENTOS COMPLEXOS? O CASO SE SERGIPE

Antônio Félix de Souza Neto<sup>1</sup>

**Resumo:** As realizações palatalizadas de /t/ e de /d/, no português falado no Brasil, são, via de regra, formas alofônicas desses fonemas; não produzem, portanto, oposições fonológicas. Contudo, no subsistema do português falado em Sergipe, contextos fonológicos com ditongo do tipo [aj, ej, oj, uj] ou do tipo [ja, ju] adjacente podem criar ambiente para uma oposição entre as realizações palatalizadas e as realizações não palatalizadas. Assim, em contextos fonológicos com ditongo do tipo [aj, ej, oj, uj] ou do tipo [ja, ju] adjacente, as realizações palatalizadas de /t/ e de /d/ levantam uma questão acerca de como elas podem ser interpretadas: segmentos de contorno ou segmentos complexos?

**Palavras-chave:** Fonologia, Português, Palatalização, Ditongo, Sergipe.

**Abstract:** Palatalized realizations of /t/ and /d/, in the Portuguese language spoken in Brazil are generally allophonic forms of those phonemes; so they do not make phonological oppositions. However, in the Portuguese language spoken in Sergipe (Northeast of Brazil), phonological contexts with adjacent ([aj, ej, oj, uj] or [ja, ju]) diphthong may create ambient for an opposition between palatalized forms and not palatalized ones. So, in phonological contexts with adjacent ([aj, ej, oj, uj] or [ja, ju]) diphthong, palatalized realizations of /t/ and /d/ raise a question on how they may be interpreted: contour segments or complex segments?

**Keywords:** Phonology, Portuguese, Palatalization, Diphthong, Sergipe.

## 1 INTRODUÇÃO

De acordo com a perspectiva fonológica Autossegmental, realizações palatalizadas de /t/ e de /d/, em contexto fonológico com ditongo adjacente, tais como nas palavras ‘peito’, ‘rejeito’, ‘oito’, ‘muito’, cuida’, ‘peida’, ‘rádio’, ‘pátio’ – que, em Sergipe, podem se realizar com ou sem a realização plena do segmento aproximante [j] (como respectivamente em [‘pej.tʃu] ou [‘pe.tʃu], [‘he3ej.tʃu] ou [‘he3e.tʃu], [‘oj.tʃu] ou [‘o.tʃu], [‘mũj.tʃu] ou [‘mũ.tʃu], [‘kuj.dʒa] ou [‘ku.dʒa], [‘pej.dʒə] ou [‘pe.dʒə], [‘ha.dʰu] ou [‘ha.dʒu], [‘pa.tʰu] ou [‘pa.tʃu] –, podem ser interpretadas como *segmentos complexos* (com articulações *maior* e *menor*, [tʰ] ou [dʰ]) ou como *segmentos de contorno*, ([tʃ] ou [dʒ]). Essa classificação deriva da *proposta fonológica não linear* de encarar os segmentos. Um

<sup>1</sup> Mestre em Linguística pela Universidade Federal de Alagoas. E-mail: antfelixsouza@gmail.com

segmento complexo (com articulações *maior* e *menor*) apresenta mais de um traço de articulação oral (tal como *alveolar* e *palatal*). Em geral, o traço *menor* dos segmentos complexos é próprio de um segmento vocálico. Um segmento de contorno apresenta efeitos de borda, ou seja, bordas que se opõem pela presença e pela ausência de um mesmo traço no mesmo segmento (tal como *+contínuo* e *-contínuo*, em um mesmo segmento). Como segmentos complexos, as realizações palatalizadas de /t/ e de /d/ são explicadas pela presença do segmento (aproximante [j]) adjacente; como segmentos de contorno, as realizações palatalizadas de /t/ e de /d/ podem ter configuração de segmentos independentes desse aproximante (tal como no Inglês: ‘John’ (nome próprio) se realiza como [ˈdʒɒn] e ‘chair’ (cadeira) se realiza como [ˈtʃeə]). Assim, podemos reconhecer que a interpretação/classificação das realizações palatalizadas de /t/ e de /d/ (como segmento complexo ou de contorno) no subsistema do português falado em Sergipe depende do contexto fonológico em que elas ocorram: com ou sem a realização do segmento aproximante ([j]) no contexto fonológico precedente ou seguinte.

Estamos certos de que a abordagem que estamos propondo aqui demanda mais que iluminar as realizações palatalizadas /t/ e de /d/ em uma variedade do português falado no Brasil. Os contextos fonológicos que investigamos demandam também uma reflexão em torno das interpretações sugeridas pelo modelo fonológico Autossegmental.

## 2 METODOLOGIA DA PESQUISA

A pesquisa que desenvolvemos consistiu inicialmente de um levantamento histórico/bibliográfico das realizações palatalizadas dos fonemas /t/ e /d/ em Sergipe. Entre as referências encontradas, que de algum modo mencionam as realizações investigadas em Sergipe, estão o Atlas Linguísticos de Sergipe I (cf. ROSSI, 1987, cartas 42, 61, 64, 106, 132), o Atlas Linguístico de Sergipe II (cf. CARDOSO, 2005, cartas 9, 30, 35, 66, 97), Silva (2003, p. 82-83), Ferreira (1994, p.143), e Souza Neto (2008). Nesses documentos pudemos encontrar registros de realizações palatalizadas de /t/ e de /d/ em palavras como ‘peito’, ‘doido’, ‘radio’, ‘feito’, ‘rejeito’, ‘deitado’, ‘muito’, ‘coitado’, ‘peida’, ‘infeite’, ‘gaita’, ‘oito’, entre várias outras, em cidades de várias regiões do

estado de Sergipe: Santa Luzia do Itanhi, Tomar do Geru, Estância, Pedrinhas, São Cristóvão, Itaporanga D'Ajuda, Laranjeiras, Simão Dias, Divina Pastora, Ribeirópolis, Brejo Grande, Propriá, Nossa Senhora da Glória, Gararu, Poço Redondo, Boquim e Grande Aracaju<sup>2</sup>.

Essas referências registram amostras de falas de sergipanos coletadas em tempos bastante diversos, com finalidades bem distintas e, por essa razão, com métodos e recursos bastante diversos também. Isso, contudo, não nos parece de grande relevância para a nossa proposta de elucidar possibilidades de interpretação fonológica para as realizações que focalizamos no estado de Sergipe.

A partir dos registros dos documentos que selecionamos para a pesquisa, procedemos reanálise das realizações palatalizadas de /t/ e de /d/ com os recursos teórico-metodológicos da Fonologia Autossegmental e da representação arbórea proposta por Clements e Hume (1995).

### 3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A Fonologia Autossegmental, como as demais *fonologias não lineares* (Métrica, Prosódica, Lexical)<sup>3</sup>, é o resultado da evolução de contribuições gerativistas e procura articular subteorias, que, embora integradas enquanto articulação conceitual, passaram a investigar aspectos específicos da organização fonológica das línguas naturais, a partir de uma perspectiva que encarava o seu componente fonológico como um conjunto de subsistemas em interação, cada um dos quais governado por princípios e organização particulares. De acordo com esse modelo, o conjunto dos traços que constituem um fonema não está para este numa relação de um-para-um como um feixe de traços ou uma matriz de elementos associados aleatoriamente, tal como no modelo gerativista. Na perspectiva autossegmental, os traços podem atuar independentemente como autossegmentos, operando individualmente ou em conjunto na composição dos sons da fala, obedecendo, contudo, a uma hierarquia na composição desses sons. Dessa independência dos traços decorre que estes podem se estender para além ou aquém de um segmento; e o apagamento de um segmento não implica necessariamente o desaparecimento de todos os traços que o compõem.

---

<sup>2</sup> A Grande Aracaju compreende partes dos municípios de São Cristóvão, Socorro e Barra dos Coqueiros, além da capital, Aracaju.

<sup>3</sup> A Fonologia Autossegmental, como as demais fonologias não lineares, desenvolveu-se a partir dos anos 1970 e 1980. Para mais informações sobre fonologias não lineares, consultar Silva (2001), Cagliari (2002), Bisol (2005).

A Geometria de Traços é um modelo proposto por Clements e Hume (1995), que seguindo a proposta não-linear de representação formal dos aspectos da fala, baseia-se “na ideia de que a fala é produzida usando vários articuladores funcionando independentemente, na qual os segmentos são representados em termos de configurações nodulares [raízes, nós, galhos], organizadas hierarquicamente” (DE PAULA, 2007, p. 47). Isso decorre do entendimento segundo o qual o segmento apresenta uma estrutura interna hierarquizada onde os traços que o compõem se organizam, podendo ser representados de modo a descrever o fenômeno fonológico de acordo com a participação dos articuladores e seu efeito na constituição dos sons.

#### 4 A PERSPECTIVA AUTOSSEGMENTAL PARA O CASO DE SERGIPE

A proposta de uma abordagem fonológica para o caso de Sergipe decorre 1) da necessidade de definição dos contextos fonológicos em que ocorrem os segmentos investigados; 2) de uma descrição fonológica das realizações investigadas; e 3) de uma explicação para o fato de depois de decursos do tipo [aj, ej, oj, uj] ou antes de decursos do tipo [ja, ju] as formas palatalizadas de /t/ e de /d/ promoverem (ou serem promovidas por) o apagamento do aproximante [j] da superfície – tal como nas palavras ‘cuida’, ‘oito’, rádio’, ‘pátio’, que podem se realizar respectivamente como [‘ku.dʒa], [‘o.tʃu], [‘ha.dʒu], [‘pa.tʃu]. Nossa hipótese inicial era a de que nesses casos, as realizações palatalizadas estariam antecedendo ou sucedendo um processo de monotongação.

De acordo com grande parte da literatura pertinente, a monotongação dos ditongos corresponde a uma deriva do latim para o português<sup>4</sup>. Bisol (1989), por seu turno, já observara uma tendência de apagamento do segundo elemento dos ditongos decrescentes, quando esse elemento segue uma consoante palatal, por não causar prejuízo para o significado da palavra: ‘caixa’ e ‘peixe’ podem ser pronunciadas como [‘ka.ʃa], [‘pe.ʃi], respectivamente, sem prejuízo para o significado.

Embora a palatalização de /t/ e de /d/ em geral não produza oposição fonológica no português falado no Brasil, no subsistema do português falado em Sergipe há palavras cujo apagamento do aproximante da superfície pode criar um ambiente fértil para uma oposição entre formas palatalizadas e formas não palatalizadas de /t/ e de /d/:

<sup>4</sup> Para maiores informações sobre deriva do latim para o português, consultar Machado (1967), Teyssier (2001).

tal como ocorre nos pares mínimos [ˈo.tʃu] (‘oito’, numeral) e [ˈo.tu] (variante do pronome ‘outro’); [ˈmũ.tʃa] (‘muita’, intensificador/quantificador) e [ˈmũ.ta] (variante de 3ª pessoa do indicativo presente do verbo ‘montar’ – ‘monta’); [ˈpa.tʃu] (variante de ‘pátio’, parte de uma casa) e [ˈpa.tu] (‘pato’, ave); [ˈpe.dʒu] (variante de ‘peido’, flatulência) e [ˈpe.du] (variante de ‘Pedro’, nome próprio).

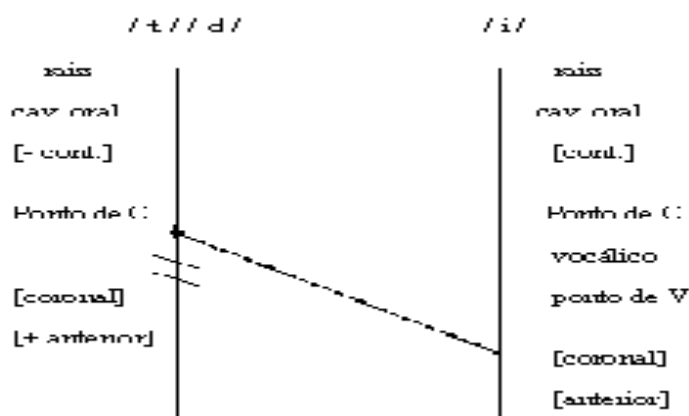
Acreditávamos que uma perspectiva que focalizasse a subjacência e processos fonológicos poderia definir o contexto fonológico, oferecer uma descrição dos segmentos e propostas de interpretação que explicassem tal apagamento. É, portanto, da perspectiva fonológica Autossegmental – que focaliza a subjacência e os processos de interação entre os segmentos/ou autossegmentos, desde a subjacência até sua realização na superfície – que decorrem as representações e interpretações que se seguem em 4.1 e 4.2 abaixo.

Em 4.1 a palatalização é representada e explicada pelo processo de assimilação dos traços da vogal – /i/ na subjacência – que se realiza como o aproximante [j] na superfície. Em 4.2 a palatalização é representada e explicada pelo apagamento dos traços do aproximante [j] da superfície – /i/ na subjacência – do ditongo, que dá lugar ao alongamento da vogal desse ditongo.

#### **4.1 AS REALIZAÇÕES PALATALIZADAS DE /t/ E DE /d/ COMO SEGMENTOS COMPLEXOS**

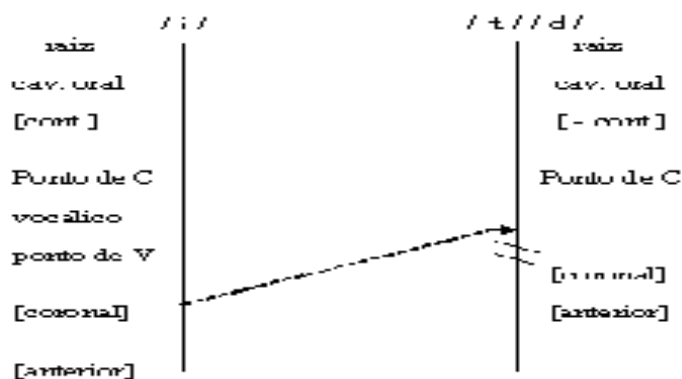
As figuras 1 e 2 abaixo representam os processos de assimilação regressiva (da direita para a esquerda, em 1) e progressiva (da esquerda para a direita, em 2) dos traços [coronal, - anterior] do segmento adjacente.

**Figura 1:** Assimilação (direita-esquerda) dos traços da vogal



Nas representações 1 e 2, as realizações palatalizadas de /t/ e de /d/ resultam da assimilação dos traços [coronal, -anterior] da vogal /i/ subjacente, que se realiza como semivogal do ditongo (aproximante [j]) na superfície. Como exemplos do processo representado em 1, encontramos em Sergipe realizações como ['ha.dʲu], ['pa.tʲu]. Como exemplos do processo representado em 2, encontramos em Sergipe realizações como ['hezɛj.tʲu], ['oj.tʲu], ['mũj.tʲu], ['kuj.dʒa], ['pej.dʒə].

Figura 2: Assimilação (esquerda-direita) dos traços da vogal



Nesses casos, as realizações palatalizadas de /t/ e de /d/ podem ser interpretadas como segmentos complexos: com articulação maior (com o traço coronal, da consoante oclusiva - [t] ou [d]) e menor (com o traço -anterior da vogal /i/) do segmento resultante.

## 4.2 AS REALIZAÇÕES PALATALIZADAS DE /t/ E DE /d/ COMO SEGMENTOS DE CONTORNO

A vogal /i/, quando ocupa o *onset* silábico (ataque, início da sílaba, junto com uma consoante, tal como em 'rá.dio') ou a *coda* silábica (final da sílaba, em ditongos, tal como em 'oi.to'), realiza-se sempre como aproximante ([j]). Com a assimilação dos seus traços [coronal, -anterior] pelo segmento adjacente ([t] ou [d]), todos os traços restantes do aproximante se confundem com os traços da vogal que lhe antecede ou da que lhe sucede no ditongo. Disso decorrem interpretações tais como em 3 (a) e (b), representando, respectivamente, os processos que dão origem a realizações como ['o:tʃu], ['ku:dʒa]; e em 4 (c) e (d), representando, respectivamente, processos que dão origem a realizações como ['pa:tʃu:], ['ha:dʒu:].

Figura 3: Vogal longa e segmento de contorno adjacente

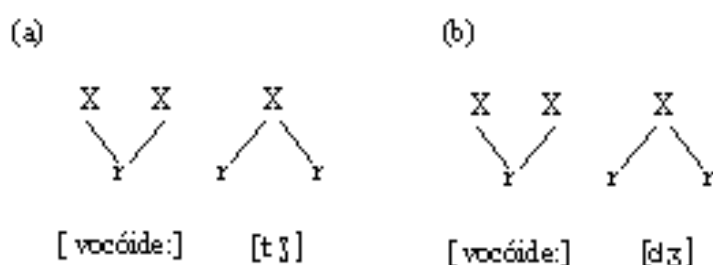
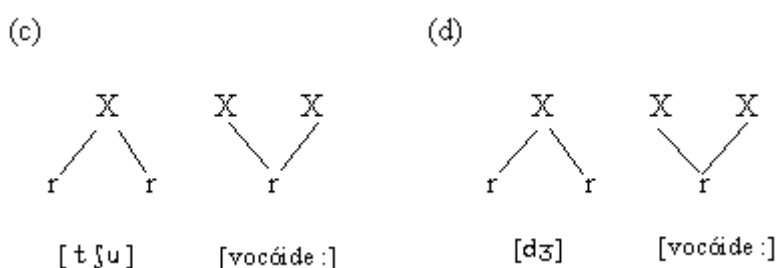


Figura 4: Segmento de contorno e vogal longa adjacente



Nesses casos, as realizações palatalizadas de /t/ e de /d/ podem ser interpretadas como segmentos de contorno: com bordas que se opõem pela presença e pela ausência

do mesmo traço (-*contínuo*, na borda da esquerda – referente a [t] ou [d] e +*contínuo*, na borda da direita, referente a [ʃ] ou [ʒ] )..

## 5 CONCLUSÃO

Embora possam ser interpretadas como segmentos de contorno, por estarem limitadas ao ambiente fonológico descrito, que seja, em contexto fonológico com a vogal /i/ na subjacência, tal como nas palavras ‘peido’, ‘doido’, ‘oito’, ‘muita’; ‘pátio’, ‘rádio’ etc., preferimos interpretá-las como segmentos complexos. Preferimos a explicação segundo a qual é o compartilhamento de traços de segmentos vizinhos que promove as realizações palatalizadas.

Uma das razões para interpretarmos as realizações palatalizadas de /t/ e de /d/ como segmentos complexos é o fato de o processo de monotongação, ou seja, apagamento do segundo elemento dos decursos do tipo [aj, ej, oj, uj] ou do primeiro elemento dos decursos do tipo [ja, ju], ser encontrado somente antes ou depois das realizações palatalizadas ([tʃ] ou [dʃ]), em detrimento das realizações simples ([t] ou [d]): em palavras como ‘outro’, ‘pátio’, ‘Pedro’, ‘lêndea’, ‘muita’ etc., o processo de monotongação antes ou depois das realizações simples ([t] ou [d]) acarretaria mudança de significado.

## REFERÊNCIAS

- BISOL, Leda. **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 4. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.
- BISOL, Leda. O ditongo na perspectiva da fonologia atual. *D.E.L.T.A.*, v. 5, n. 2, p. 185-224, 1989.
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. **Atlas Linguístico de Sergipe - II**. Salvador: EDUFBA, 2005.
- CLEMENTS, George, HUME, Elizabeth. The internal organization of speech sounds. In: GOLDSMITH, John A. (Ed.) **The Handbook of Phonological Theory**. Oxford: Blackwell, 1995. pp. 245 - 306.
- DE PAULA, Aldir Santos de. **A língua dos índios Yawanawá do Acre**. Maceió: EDUFAL, 2007.
- FERREIRA, Carlota et al.. **Diversidade do Português do Brasil: estudos de dialetologia rural e outros**. 2ª ed. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1994.
- ROSSI, Nelson et al. **Atlas linguístico de Sergipe (Carta I - XI e 1 - 156)**. Salvador: UFBA/ Instituto de Letras / Fundação Estadual de Cultura de Sergipe, 1987.

## **Realizações palatalizadas de /t/ e de /d/: segmentos de contorno ou segmentos complexos? O caso se Sergipe**

SILVA, Thaís Cristófaró. **Exercícios de Fonética e Fonologia**. São Paulo: Contexto, 2003.

SOUZA NETO, Antônio Félix. **Realizações dos fonemas /t/ e /d/ em Aracaju-Se**. Dissertação de Mestrado: Maceió: Programa de Pós-graduação em Letras. Universidade Federal de Alagoas, 2008.